

ECONOMIA DO TERCEIRO MUNDO E A “BUSCA POR PASTAGENS MAIS VERDES NO DESERTO”: FOCO NA NIGÉRIA E SEUS VIZINHOS

Emmanuel Osewe Akubor¹

O deserto antes do “deserto”: uma definição histórica

Relatos históricos disponíveis, conforme documentado por estudiosos, opinam que essa área atualmente descrita como Deserto nem sempre foi assim, pois antes era uma área com regiões de atividades econômicas (Kenny J. 2000). Como tal, houve um grande fluxo de pessoas e mercadorias dentro e ao redor da área (Kwanashie *et al.* 1987). O efeito resultante foi que, por volta de 700 d.C., o Império de Canem começou a se formar no que hoje é o Chade e a Líbia. Esse império deveria absorver mais tarde outras tribos e povos do norte da Nigéria e o comércio e o intercâmbio diplomático ocorreu na área.

A maioria dos primeiros estados de Hausa mantinha uma localização geográfica estratégica no extremo sul da rota trans-saariana entre Trípoli e o Lago Chade. Essa rota comercial, que se originou nos tempos pré-históricos e estava florescendo no século VIII, ligava os países do Mediterrâneo aos recursos da África Subsaariana. Os bens comerciais incluíam marfim e escravos (Kenny J. 2000), por exemplo, enquanto Ayandele argumentava que a área de Yoruba recebia bons suprimentos de cavalos usados pelos nobres tanto para a guerra quanto para o prestígio antes do século XIX (Ayandele 1979). Usman opinou que Kano (atualmente, cidade na Nigéria) foi particularmente reconhecido por fornecer o que hoje é conhecido como couro marroquino para grande parte do norte da África (Marrocos e Trípoli), um comércio que só

¹ Departamento de História, University of Obafemi Awolowo, Ile-Ife, Nigéria. E-mail: oseweakubor@gmail.com

declinou depois que a ferrovia chegou a Kano em 1912 (Usman Mohammed, 2013). Os comerciantes do norte da África, principalmente berberes e árabes, não apenas trouxeram bens comerciais, mas também a religião islâmica. Em 1085, Hummay, um nobre muçulmano, removeu o rei Selma, o último rei Duguwa, do poder e estabeleceu a dinastia Sefuwa (também chamada Sayfawa). A dinastia Sefuwa trouxe grandes mudanças ao Império Canem, especialmente na área da cultura e civilização islâmicas.

A importância do exposto acima é que essa introdução da cultura e civilização islâmica levou à migração de ambos os lados, criando uma espécie de relacionamento suave entre os novos migrantes e seu anfitrião Hausa (isso não indica de forma alguma a completa ausência de conflito, como houve casos de guerra e hostilidade, mas o Islã como religião se tornou um fator unificador) e o destino das pessoas que foram empurradas para o sul na área central da Nigéria, como os Gwari e outros que os seguiram. Para aqueles que aceitaram o domínio dos grupos Sayfawa, os historiadores argumentaram que eles foram atraídos para uma rede de trocas e relações diplomáticas, que foram feitas com o sultão no norte da África, sobretudo, durante o reinado de Mai Dunama Dabbalemi (1221-1259), especialmente em a área de peregrinação e propagação do Islã.

Assim, desde o reinado de Mai Dunama Dabbalemi (1221-1259) até os dias atuais da Nigéria, a área permaneceu uma colmeia de atividades, especialmente no que se refere ao movimento de bens e serviços econômicos que continuamente beneficia o povo de ambos os países. Por exemplo, Ayandele (1979) opinou que poucas pessoas percebem que no século XVIII o natrão usado pelo povo Efik veio em grande parte da bacia do Chade; que os iorubás obtiveram seus cavalos de Trípoli através de intermediários Kanuri muito antes do século XIX; que, como escravos, um grande número de Hausa era um ativo econômico para os iorubás. De acordo com a visão de Ayandele, Gavin, R. e Oyemakinde W. (1989) escreveram que a Nigéria adquire mercadorias raras, como natrão ou potassa cortada em laje na margem norte do lago Chade. Os estudiosos postularam que cordas de natrão conduziam burros na área do Lago Chade pontilhavam todas as principais rotas do norte, especialmente de Kano para o sul até o Níger, em Bussa, onde encontraram outra grande rota de Brno ao longo do Benue e daí para a terra iorubá ou a oeste de Gonja em Gana. De uma maneira mais detalhada e analítica, Watts (1983, citado em Mohammed-Baba, T.A, 1989), descreveu graficamente a relação assim:

A savana do norte e o bioma saheliano constituíam uma unidade ecológica humana, na qual os negócios dos agricultores hausa e dos

pastores semi sedentários Fulani estavam intimamente integrados com os pastores wodaabe, tuaregues e outros grupos nômades do norte. Essas ligações parciais foram incorporadas nas fortes correntes de troca entre as duas regiões – a cultura do deserto que fornece sal, natrões, tâmara e gado e a savana que fornece roupas, alimentos e produtos artesanais que conferiam uma certa segurança diante da variação do clima.

A importância do exposto acima é que houve uma espécie de relação simbiótica e troca de bens, serviços e ideias ao longo do tempo em toda a região, uma marca das relações diplomáticas tradicionais e da boa vizinhança. Isso é particularmente notável na parte norte da Nigéria, onde os governos da maioria dos países ao redor e ao longo das áreas desérticas mantêm contato diplomático continuamente. Um bom exemplo é o caso do governo da Líbia até o final dos anos 2010, que, além do intercâmbio educacional, financiou maciçamente a construção de mesquitas e outros centros de culto islâmicos em Kano e outras cidades do norte. O governo, particularmente sob Gaddafi, havia embarcado em várias doações humanitárias e visitas a Kano e esses outros estados do norte, na maioria das vezes sem aviso prévio, após o qual ele retornaria ao seu país (Kingsley 2011).

O Deserto e os Jovens Nigerianos: Estabelecendo a Causa

Estudiosos argumentaram que, para melhor compreensão da nova relação existente entre o deserto e a jovem Nigéria na África pós-colonial, devemos ser capazes de vê-la de dois ângulos; ou seja, o drama com o deserto causado como resultado da falta de melhores oportunidades e o segundo causado por guerras e conflitos (Akubor 2017). Yaro J. (2008) apresentou as duas situações assim; para o período entre o início dos anos 1960 e o início dos anos 1970, ele escreveu:

A deterioração das condições socioeconômicas e o aprofundamento da pobreza no final dos anos sessenta e início dos anos setenta impulsionaram uma ampla variedade de configurações de migração. As medidas de ajuste macroeconômico e um enorme aumento no número de participantes no mercado de trabalho alimentaram uma crise de emprego, criando uma pressão sustentada pela emigração. Uma quantidade significativa de fuga de cérebros ocorre entre Gana, Gâmbia e Nigéria; Togo e Costa do Marfim; Burkina Faso, Senegal e Costa do Marfim. Desde a década de 70, migrantes altamente qualificados, incluindo médicos, paramédicos, enfermeiros, professores,

palestrantes, engenheiros, cientistas e tecnólogos mudaram de Gana primeiro para a Nigéria e depois para outros países africanos, Europa e América do Norte, atraídos por salários relativamente mais altos e melhores perspectivas de condições de vida. Muitos estudantes também ficaram para trás no final do treinamento, pois as condições políticas, econômicas e sociais em casa se deterioraram.

A segunda etapa da década de 1980, de acordo com os estudiosos, testemunhou o movimento de massas de seres humanos fora da África, à medida que as condições dentro do continente se tornaram ainda mais insuportáveis para uma porcentagem maior da população do continente, especialmente no que se refere à guerra, conflito de armas, problemas de refugiados e falta de melhores oportunidades. Na opinião do estudioso, isso afetou negativamente o desenvolvimento do continente. O estudioso apresentou seu argumento assim:

Desde o final dos anos 80, os países importadores de mão-de-obra tradicional, os países mais ricos da sub-região (Costa do Marfim) e os destinos até então atraentes para os migrantes (Nigéria) passaram por crises políticas e econômicas, que também estimularam a emigração de seus nacionais. Até o início dos anos 80, poucos profissionais nigerianos emigraram porque as condições de trabalho domésticas eram atraentes e competitivas internacionalmente. O colapso do preço do petróleo, um declínio acentuado nas receitas deste, rápida deterioração das condições de vida e de trabalho, congelamento dos salários, moeda nacional desvalorizada, queda da renda real, regime militar autoritário e a situação econômica vacilante alimentaram a emigração em larga escala de trabalhadores qualificados e não qualificados no exterior. A África do Sul pós-apartheid também atraiu profissionais altamente qualificados da Nigéria e Gana para formar equipes nas universidades e outros setores e comerciantes do Senegal e Mali, incluindo vendedores ambulantes e pequenos comerciantes da Serra Leoa.

Além do exposto, a economia doméstica continuou a se deteriorar, enquanto o poder de compra da naira se deprecia continuamente. Analistas argumentam que isso faz parte do impacto das políticas neoliberais, que reduziram o valor da moeda nacional dos países do terceiro mundo (inclusive na Nigéria). Algumas delas incluem a dependência excessiva da Nigéria em importações sem exportação e industrialização proporcionais, políticas de preço do petróleo bruto no mercado internacional e contrabando através das fronteiras do país (Mathew 2006). O resultado é que a maioria dos pais está agora pressionando os jovens nigerianos a viajar para o exterior, onde acre-

ditam que há abundância de dólar. Isso pode ser melhor entendido quando visto à luz da tabela abaixo.

Tabela 1: Histórico de Taxa de Câmbio para Naira

s/ no	Período	Dólar americano	Naira equivalente	Taxa no mercado clandestino	s/ no	Período	Dólar americano	Naira equivalente	Taxa no mercado clandestino
1	1972	\$1	N0.658	-	24	1995	\$1	N21.89	N71.70
2	1973	\$1	N0.658	-	25	1996	\$1	N21.89	N84.58
3	1974	\$1	N0.63	-	26	1997	\$1	N21.89	N84.58
4	1975	\$1	N0.616	-	27	1998	\$1	N21.89	N84.70
5	1976	\$1	N0.62	-	28	1999	\$1	N21.89	N88-N90
6	1977	\$1	N0.647	-	29	2000	\$1	N85.98	N105.00
7	1978	\$1	N0.606	-	30	2001	\$1	N99-N106	N104-N122
8	1979	\$1	N0.596	-	31	2002	\$1	N109-N113	N122-N140
9	1980	\$1	N0.550	N0.900	32	2003	\$1	N114-N127	N135-N137
10	1981	\$1	N0.61	-	33	2004	\$1	N127-N130	N137-N144
11	1982	\$1	N0.673	-	34	2005	\$1	N132-N136	-
12	1983	\$1	N0.724	-	35	2006	\$1	N128.50-N131.80	-
13	1984	\$1	N0.765	-	36	2007	\$1	N120-N125	-
14	1985	\$1	N0.894	N1.70	37	2008	\$1	N115.50-N120	-
15	1986	\$1	N2.02	N3.90	38	2009	\$1	N145-N171	-
16	1987	\$1	N4.02	N5.90	39	2010	\$1	N148.21-N154.8	-
17	1988	\$1	N4.54	N6.70	40	2011	\$1	N151.05-N165.1	-
18	1989	\$1	N7.39	N10.70	41	2012	\$1	N155.09-N161.5	-

s/ no	Perí- odo	Dólar ameri- cano	Naira equiva- lente	Taxa no mercado clandes- tino	s/ no	Perí- odo	Dólar ameri- cano	Naira equivalente	Taxa no mercado clandestino
19	1990	\$1	N7.39	N10.70	42	2013	\$1	N153.21-N162.9	-
20	1991	\$1	N8.04	N9.30	43	2014	\$1	N170-N199	-
21	1992	\$1	N9.91	-	44	2015	\$1	N199-N300	-
22	1993	\$1	N17.30	N21.90	45	2016	\$1	N300-N320	N310-N370
23	1994	\$1	N22.33	N56.80	46	2017	\$1	N360	-

Fonte: Mathew, Womack Ryan “O surgimento do neoliberalismo e do livre comércio no mundo em desenvolvimento” (2006), Universidade do Tennessee homenagem a projetos de tese. https://trace.tennessee.edu/utk_chanhonopio/1030

Desemprego, Frustração e os Jovens Nigerianos

Nasir El Rufai (2010), em sua análise da situação de desemprego na Nigéria, afirmou que atualmente a Nigéria tem cerca de 90 milhões de pessoas dispostas e aptas a trabalhar, mas cerca de 70 milhões delas não têm emprego remunerado. Mas, quando as 4,7 milhões de pessoas capturadas no setor formal nas últimas estatísticas da Comissão de Pensões aumentam de 3 a 4 vezes o multiplicador padrão para capturar as do setor informal, isso significa que apenas cerca de 20 milhões de nigerianos têm empregos, dentre os quais uma população de 162 milhões. Esse simples fato causa ao país uma perda anual de cerca de 2 trilhões de nairas, devido à ausência de atividades comerciais que normalmente deveriam ter ocorrido, mas não ocorreram. Ele argumentou, assim, ainda mais:

O aspecto mais desesperador é o fato de que os mais afetados são os nigerianos entre 21 e 40 anos – os futuros líderes de nosso país. Em 1963, nossa população era de cerca de 56 milhões, uma grande porcentagem da qual estava empregada. A relação emprego/população cresceu até o início dos anos 80, quando começou a declinar. Oficialmente, a taxa de desemprego é de 19,7%. Isso significa que pelo menos 18 milhões de nigerianos não têm emprego e não podem cumprir suas responsabilidades. Os efeitos do desemprego no indiví-

duo e no país podem ser catastróficos. Nas taxas atuais, mesmo que as políticas governamentais, o ambiente favorável e os esforços diretos consigam criar 1 milhão de novos empregos por ano, levaria 18 anos para fechar a lacuna existente. Exceto que, nessa época, pelo menos 54 milhões de nigerianos teriam ingressado na força de trabalho [...] Em 1996, 2,8 milhões de candidatos a emprego ingressavam no mercado de trabalho nigeriano anualmente, mas apenas 10% deles encontravam emprego. Talvez os números de hoje sejam assustadores demais para a liberação do governo, mas o desemprego é crítico demais para o governo brincar de avestruz político. A média de anos de estudos e o Retorno do Investimento (RDI) de um diploma universitário na Nigéria são ambos de 5 anos; no entanto, é necessário que um graduado nigeriano médio tenha uma média de mais cinco anos para encontrar o que pode ser considerado um emprego estável. Muitos outros, especialmente aqueles sem “padrinhos”, permanecem por períodos mais longos sem emprego, por mais qualificados que sejam. Não apenas o grande número de graduados nigerianos está desempregado ou subempregado; muitos são incapazes de aplicar as habilidades aprendidas na escola. Também existem grandes segmentos da população empregada que simplesmente estão definhando, fazendo coisas que realmente não são lucrativos – apenas para permanecerem vivos.

A posição acima é esclarecida pelas estatísticas divulgadas por Akinyosoye, Vincent (2011) e pelo *National Bureau of Statistics*, em que argumentam que as taxas de desemprego em 16 estados, incluindo o Território da Capital Federal, são superiores à média nacional de 19,7%. A análise indicou que o estado de Bayelsa tem a maior taxa de desemprego composta de 38,4%, seguido pelo estado de Katsina, cuja taxa é de 37,3%. Outros estados com taxas de desemprego acima da média, segundo a pesquisa, são Bauchi (37,2%), Akwa Ibom (34,1%), Gombe (32,1%), Adamawa (29,4%), Rivers State (27,9%), estado de Borno (27,7%) e estado de Kano (27,6%). As taxas de desemprego dos estados de Yobe, Taraba, Jigawa, Sokoto, Imo e Ekiti ficaram em 27,3%, 26,8%, 26,5%, 24,5%, 24,4%, 20,8% e 20,6%, respectivamente.

No final de 2016, foi relatado que os jovens nigerianos estão rapidamente ficando frustrados. Especificamente, Peter Osalor (2016) observou assim:

No emprego, 4,58 milhões de nigerianos ficaram desempregados desde o ano passado (2015), adicionando 2,6 milhões aos números de desemprego de 1,46 milhão registrados no terceiro trimestre de 2015 e 518,102 milhões no quarto trimestre de 2015. Segundo relatos durante o período de referência, os desempregados na força de trabalho aumentaram em 1.158.700 de pessoas, resultando em um aumento na taxa de desemprego nacional para 13,3% no segundo tri-

mestre de 2016 de 12,1 em 2016, 10,4% em 2015 de 9,9% no terceiro trimestre de 2015 e de 8,2% no segundo trimestre de 2015.

Na produtividade do trabalho, continuou assim:

[...] O segundo trimestre mostrou que o investimento na economia era baixo em termos de volume de investimento privado e investimento direto estrangeiro (IED), em comparação com o ano anterior. A taxa de desemprego aumentou 12,2% em relação ao trimestre anterior e diminuiu a produtividade, conforme registrado pelo PIB, informou a NBS. Como era de se esperar com o desenvolvimento, a criação de empregos, tanto do setor privado quanto do público, registrou um valor negativo de -4.288 no quarto trimestre de 2015 e continuou até o segundo trimestre de 2016. O relatório Produto Interno Bruto (PIB) da Nigéria do segundo trimestre de 2016 mostrou queda -2,06% (de ano a ano) em termos reais. A queda foi de 1,70% em relação à taxa de crescimento de -0,36% registrada no trimestre anterior.

O relatório da NBS também mostrou que a Importação de Capital da Nigéria no segundo trimestre de 2016 teve um volume total de capital importado para o país em US \$ 647,1 milhões, o que representou uma queda de 8,98% em relação ao primeiro trimestre e uma queda de 75,73% em relação ao segundo trimestre de 2015. O relatório também revelou que o desemprego no segundo trimestre era de 13,3%, o subemprego 19,3% e o desemprego jovem, 49,5%. Isso significa que, em um país de cerca de 170 milhões de habitantes, com metade da população não economicamente ativa, o desemprego é realmente uma bomba-relógio.

A situação não mostrou sinais de melhora em relação ao final de 2017, permanecendo sombria, e as pessoas ficando ainda mais frustradas. Isso fica claro nas estatísticas apresentadas pelo Instituto Nacional de Estatística, que apontaram que entre janeiro e setembro de 2017, um número total de 4,07 milhões de nigerianos ficaram desempregados. De acordo com a agência, o número de nigerianos desempregados passou de 11,92 milhões no primeiro trimestre de 2017 para 13,58 milhões e 15,99 milhões no segundo e terceiro trimestres, respectivamente. Também informou que, entre o segundo e o terceiro trimestre, o número de pessoas economicamente ativas, ou em idade ativa (15-64 anos), aumentou de 110,3 milhões para 111,1 milhões. O relatório da NBS disse que o aumento das taxas de desemprego e subemprego implica que, embora a economia da Nigéria esteja oficialmente fora da recessão, o mercado de trabalho doméstico ainda é frágil e os crescimentos econômicos

nos últimos dois trimestres de 2017 não foram fortes o suficiente para fornecer emprego no mercado de trabalho doméstico da Nigéria.

Peter Osalor (2016) observa que

A população da força de trabalho aumentou de 83,9 milhões no segundo trimestre de 2017 para 85,1 milhões no terceiro trimestre de 2017. O número total de pessoas empregadas em período integral (pelo menos 40 horas por semana) caiu de 52,7 milhões no segundo trimestre de 2017 para 51,1 milhões no terceiro trimestre de 2017. A taxa de desemprego aumentou de 14,2% no quarto trimestre de 2016 para 16,2% no segundo trimestre de 2017 e 18,8% no terceiro trimestre de 2017. O número de pessoas da força de trabalho desempregadas ou subempregadas aumentou de 13,6 milhões e 17,7 milhões, respectivamente, no segundo trimestre de 2017, para 15,9 milhões e 18 milhões no terceiro trimestre de 2017. O total de desemprego e subemprego combinados aumentou de 37,2% no trimestre anterior para 40% no terceiro trimestre de 2017. [...] Durante o terceiro trimestre deste ano, 21,2% das mulheres na a força de trabalho que tinham entre 15 e 64 anos e estavam dispostas, capacitadas e buscando ativamente trabalho estavam desempregadas, em comparação com 16,5% dos homens no mesmo período.

Além disso, a NBS observou no relatório que, no terceiro trimestre de 2018, 16,4% dos moradores rurais e 23,4% dos urbanos da força de trabalho estavam desempregados. Acrescentou que a taxa de desemprego está aumentando a uma taxa ligeiramente mais rápida para os moradores urbanos do que para os seus homólogos rurais.

As tabelas abaixo dão uma imagem gráfica da situação sórdida.

Tabela II: Taxas nacionais de desemprego (2000-2009)

Ano	Taxas	Ano	Taxas
2000	13.1	2005	11.9
2001	13.6	2006	12.3
2002	12.6	2007	12.7
2003	14.8	2008	14.9
2004	13.4	2009	19.7

Fonte: <http://punchng.com/four-million-nigerians-became-jobless-this-year-nbs/>

Tabela III: Taxas de desemprego na Nigéria por estado, março de 2019

S/ N	Estado	% Desemprego (em ordem decrecente)	S/ N	Estado	% Desemprego (em ordem decrecente)	S/ N	Estado	% Desemprego (em ordem decrecente)
1	Bayelsa	38.4	13	Sokoto	22.4	26	Zamfara	13.3
2	Katsina State,	37.3	14	FCT	21.5	27	Osun	12.6
3	Bauchi	37.2	15	Imo	20.8	28	Edo	12.2
4	Akwa Ibom State	34.1	16	Ekiti	20.6	29	Ebonyi	12.0
5	Gombe State	32.1	17	Lagos	19.5	30	Kebbi	12.0
6	Adamawa State	29.4	18	Kogi	19.0	31	Niger	11.93
7	Rivers	27.9	19	Delta	18.4	32	Kaduna	11.6
8	Borno	27.7	20	Anambra	16.8	33	Kwara	11.0
9	Kano	27.6	21	Enugu	14.9	34	Nassarawa	10.1
10	Yobe	27.3	22	Ondo	14.9	35	Benue	8.5
11	Taraba	26.8	23	Oyo	14.9	36	Ogun	8.5
12	Jigawa	26.5	24	Abia	14.5	37	Plateau	7.1
			25	Cross-River	14.3			

Fonte: Akubor, E. Osewe (2017), Atingindo os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio em Meio à Corrupção na Nigéria: Realidade ou Ficção? Ibadan Dominican Studies, vol. 3, Instituto Dominicano Ibadan, janeiro de 2017, pp. 175-200

A partir das estatísticas acima, deve ficar claro que será necessário patriotismo por parte das pessoas afetadas para permanecer no país. Portanto, não foi surpresa para os observadores que mulheres e meninas nigerianas foram levadas do final da década de 90 para a Europa, especialmente para Itália e Rússia, e para o Oriente Médio e Norte da África, por prostituição forçada. Devido ao desespero das vítimas e à busca por ganhar dinheiro pelos traficantes, as vítimas foram transferidas para a Europa por caravanas, forçando-as a atravessar o deserto a pé e sujeitando-as à prostituição forçada para pagar dívidas pesadas por despesas de viagem. Durante o período coberto

pelo relatório, as meninas nigerianas foram repatriadas na Líbia e Marrocos, onde supostamente foram mantidas em cativeiro no tráfico sexual. Em 2010, o excelentíssimo Mathew Egbadon, então presidente da Câmara de Deputados do estado de Edo, tornou público que recebeu uma carta do embaixador da Nigéria na Itália afirmando que das cerca de 10.000 prostitutas naquele país, 80% delas eram do estado de Edo (Nigéria 2010).

A Economia do Deserto e Fatores Encorajadores: O Exemplo Líbio

Além do fato de que historicamente existia uma espécie de rota comercial tradicional da parte norte do país, através de Agadez, para a Líbia, os jovens nigerianos frustrados são frequentemente encorajados pelo fato de que a situação na Líbia e na economia da Líbia oferece uma situação muito mais animadora do que o que pode ser obtido na Nigéria, e é tal que eles poderiam resistir enquanto esperavam atravessar para a Europa. Como tal, o primeiro campo em trânsito é a Líbia. Para alguns outros, de todas as rotas, é o mais barato². Enquanto a economia nigeriana parece estar experimentando uma tendência de queda, o deserto, exemplificado pela Líbia a partir de 1977, a renda per capita no país aumentou para mais de US\$ 11.000, a quinta maior da África³. O Índice de Desenvolvimento Humano se tornou o mais alto da África e maior que o da Arábia Saudita. Isso foi alcançado sem pedir empréstimos externos, mantendo a Líbia livre de dívidas (Azad 2011). Além disso, a taxa de alfabetização do país aumentou de 10% para 90%, a expectativa de vida aumentou de 57 para 77 anos, foram estabelecidas oportunidades de emprego para trabalhadores migrantes e foram introduzidos sistemas de assistência social que permitiam acesso à educação gratuita, à assistência médica gratuita e à assistência financeira para habitação. O Rio Grande Manmade também foi transposto para permitir o acesso gratuito a água doce em grandes partes do país (Zimbabwe 2011). Além disso, foi fornecido apoio financeiro para bolsas de estudos universitárias e programas de emprego (Shimatsu 2011).

O país sob a liderança de Kadafi dobrou o salário mínimo, introduziu controles legais de preços e implementou reduções compulsórias de

2 Essa informação foi obtida de um dos meus informantes que viajou pelo deserto em três ocasiões. Ele é Moses Iyoha, nigeriano, do estado de Edo. A entrevista foi realizada na vila de Igueben, estado de Edo, Nigéria, 22/6/2014.

3 Países africanos por PIB *per capita* > PIB *per capita* (mais recente) por país. NationMaster. Acesso em 24 de julho de 2011.

aluguel entre 30 e 40%. Kadafi também queria combater as estritas restrições sociais impostas às mulheres pelo regime anterior, estabelecendo a Formação Revolucionária das Mulheres para incentivar reformas. Em 1970, uma lei foi introduzida afirmando a igualdade dos sexos e insistindo na paridade salarial. Em 1971, Gaddafi patrocinou a criação de uma Federação Geral da Mulher da Líbia. Em 1972, foi aprovada uma lei criminalizando o casamento de qualquer mulher com menos de dezesseis anos e garantindo que o consentimento de uma mulher era um pré-requisito necessário para um casamento (Bearman 1986).

Geralmente, uma pesquisa resumida do programa de assistência social do governo mostra que, até o final dos anos 2000, ela foi canalizada para o bem-estar do povo. Foi assim que alguns analistas acessaram o caso da Líbia em relação à Nigéria:

- Uma parte da venda de petróleo da Líbia é creditada diretamente nas contas bancárias de todos os cidadãos da Líbia.
- Não havia juros sobre empréstimos. Bancos na Líbia eram estatais, e empréstimos eram dados a todos os cidadãos a uma taxa de juros de 0% por lei.
- Não havia conta de eletricidade na Líbia. Eletricidade era gratuita para todos os cidadãos.
- Educação e tratamento médico eram gratuitos na Líbia. Antes de Gaddafi, apenas 25% dos líbios eram alfabetizados. Hoje, o percentual é de 83%.
- Se líbios quisessem iniciar uma empreitada fundiária, receberiam terras, habitação rural, equipamentos, sementes e gado para o pontapé da empreitada – tudo gratuitamente.
- Se líbios não pudessem encontrar a educação ou as instalações médicas de que precisassem na Líbia, o governo os financiaria para ir ao exterior – não apenas de graça, mas também receberiam US\$ 2.300/MTh em acomodação e subsídio de carro
- Na Líbia, se um líbio compra um carro, o governo subsidia 50% do preço.
- O preço da gasolina na Líbia era de US\$ 0,14 (N22) por litro.
- A Líbia não obteve dívidas externas, e suas reservas totalizam US\$ 150 bilhões – agora congeladas globalmente.

- Se um líbio não conseguisse emprego após a formatura, o Estado pagaria o salário médio da profissão como se estivesse empregado até encontrar um emprego.
- Gaddafi, no fim da vida, realizou o maior projeto de irrigação do mundo, conhecido como projeto do Grande Rio Feito pelo Homem, para tornar a água facilmente disponível em todas as faixas desérticas do país (Osewe 2012).

Aventura ou a Rota do Vale das Sombras da Morte: Investindo o Curso

Em geral, foi constatado que o desemprego e a pobreza na Nigéria levaram a uma situação em que os jovens nigerianos e seus colegas de outros países africanos veem a Europa como uma utopia, e o deserto através da Líbia como o portal e, como tal, os que pertencem a essas categorias estão dispostos a fazer qualquer coisa para sair da África. Por exemplo, no terceiro trimestre de 2014, havia um número estimado de 128.725 imigrantes ilegais em seu território. A maioria deles acaba como requerentes de asilo. Segundo as estatísticas disponíveis, o número de requerentes de asilo pode subir para 700.000 (+ 28%); é assim que o número de entradas ilegais na Europa pode aumentar para além dos 276.113 em 2014 (60.000 deles via mar)⁴. O fluxo detectado de imigrantes ilegais nunca foi tão alto quanto em 2014, um aumento de 170% em comparação com 2013. Ele deve subir novamente em 2015, em que os dois primeiros meses registraram um aumento de mais de 200% em comparação com 2014. Segundo as estatísticas, desde 1988, quase 20.000 pessoas morreram nas fronteiras externas da União Europeia. Em 2014, o número de vítimas aumentou além de 3.500. As estatísticas também mostram que 90% dos migrantes ilegais fizeram a rota marítima através do Mediterrâneo. A imigração ilegal identificada cresceu oito vezes na Itália, dobrou na Grécia e aumentou 50% nas fronteiras espanholas. Em 2011, que já era um ano excepcional, o fenômeno migratório encontrou sua explicação principalmente na situação econômica em alguns países que fazem fronteira com as margens do sul da Europa⁵.

4 Isso está contido no documento da Iniciativa da África contra a Migração Irregular e Perigosa (PAIIDAM), uma iniciativa do senador Shehu Sani apresentada ao Serviço de Imigração da Nigéria. Abuja, Nigéria, 2016

5 Ibid

Os estudiosos identificaram três rotas principais pelas quais nigerianos e outros jovens africanos em geral deixam o continente através do deserto. A primeira rota notável e famigerada é o elo central do Mediterrâneo associado à Líbia, à Itália, à Malta e à Tunísia. Segundo essas pesquisas, desde 2013, esse é o principal caminho pelo qual os imigrantes ilegais partem para a Europa. A notoriedade dessa rota é vista nas figuras principalmente da Itália, que estão em espiral. De acordo com isso, o número de naufragos resgatados em 2014 aumentou para mais de 170.000, 30.000 dos quais foram ajudados por guardas costeiros e navios mercantes e 70.000 pela operação Mare Nostrum, lançada pelo governo italiano em 18 de outubro de 2013 após o drama de Lampedusa. O número de passagens ilegais de fronteira observadas totalizou 134, 272 entre janeiro e setembro de 2014, ou seja, seis vezes a cifra de 2013 e duas vezes a da primavera árabe. Os migrantes ainda vêm do Sahel, principalmente da Líbia (90%), agora um país de trânsito, e também da Síria via Egito (5%), onde a situação dos refugiados é precária.

A segunda rota conhecida é a do Marrocos-Senegal-Saara. A partir deste ponto, a maioria dos migrantes tem como alvo Portugal e Espanha. No entanto, continua a haver um aumento adicional nas ofertas de imigração por via marítima (6.131 interceptações entre janeiro e setembro de 2014), uma vez que o estreito de Gibraltar facilita o uso de barcos de qualquer tamanho. A travessia de “grupo” nas fronteiras dos enclaves espanhóis de Ceuta e Melilla no Marrocos é cada vez mais espetacular.

Está registrado que o número de destroços que levam a perdas de vidas está aumentando, por exemplo, foi registrado que somente em 2014 houve um aumento de naufrágios transportando imigrantes ilegais e os ativos da equipe de patrulha levaram ao resgate de mais de 40.000 durante este período. Em 2014, no Mediterrâneo, houve mais de 15.000 operações de resgate no mar⁶.

Especificamente durante esse período, a área nigeriana em particular e o território da África Ocidental em geral rapidamente se tornaram notórios devido à migração irregular e perigosa, especialmente entre seus jovens. Os dados disponíveis sobre o volume de migrantes que fazem uso das rotas ocidentais e centrais são derivados da trilha de Agadez, que vai da cidade do Níger até a Argélia. As estatísticas mostram que mais de 5.000 africanos ocidentais deixaram Agadez para viajar ao norte da África todos os meses entre março e agosto de 2013. Além disso, estima-se que metade de todos os migrantes da África Ocidental que chegaram a Lampedusa em 2013 passaram por Agadez. Também foi registrado que o custo da migração ao longo dessas

⁶ Ibid

rotas varia de acordo com o ponto de partida e destino. A viagem de Agadez para a costa da Líbia custa entre 2.000 a 3.000 dólares. A Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional afirma que a “solução de pacote completo” por essa rota custa US\$ 10.000, ou mais, e geralmente é paga em várias parcelas pelas famílias dos migrantes quando tiverem provas de que seus entes queridos chegaram a um destino específico. O estudo também constatou que a rota de Agadez para Sabha na Líbia custa aproximadamente de 100 a 300 dólares e a travessia mais perigosa do deserto de Agadez para Tamanrasset na Argélia custa entre 50 a 300 dólares. Na Líbia, em 2011, foi relatado que os migrantes pagaram cerca de US\$ 800 para serem levados da cidade de Sabha, no sul, ao norte de Trípoli.

A terceira rota está associada à Grécia, ao Chipre, à Bulgária e à Romênia, que atualmente servem como as rotas mais importantes (isso não é diretamente relevante para o nosso discurso, mas vale a pena mencionar, pois também se tornou o caminho pelo qual jovens nigerianos frustrados e seus colegas de outros Estados africanos vizinhos escapam a duras condições econômicas). É registrado que até 2012, esta constituía a principal rota de imigração ilegal, contando com quase metade dos migrantes. Estima-se que, desde 2000, quase 3 milhões de imigrantes entrem na Europa ilegalmente via Grécia.

Da Liberdade à Escravidão: Examinando os Cartéis e os Custos

Do ponto de vista da história, é importante observar que a venda e o uso de negros africanos como escravos no deserto não é novo, como foi apontado na parte inicial do artigo. Embora o tráfico de escravos tenha sido abolido oficialmente em Trípoli em 1853, na prática continuou até a década de 1890 e até mais além (Mclachlan 1978). Os tuaregues e outros povos autóctones da Líbia facilitaram, tributaram e organizaram parcialmente o comércio do sul ao longo das rotas comerciais transaarianas. Nos anos 1830, período em que o comércio de escravos floresceu, Ghadames lidava com 2.500 escravos por ano. Os escravos negros também faziam parte do artigo comercial desde então e, portanto, parte do motivo pelo qual Abdullahi Danfodio, irmão do jihadista Fulani do século XIX, teve que abandonar o curso. Hodgkin notou particularmente que Abdullahi estava decepcionado com a captura constante de escravos negros que seus irmãos trocavam com os norte-africanos, embora afirmasse que seu curso era para a libertação do povo (Hodgkins 1960). Então, enquanto as pessoas viajavam com a intenção

de buscar pastos mais verdes, uma grande parte de seus anfitriões já estava esperando para levá-los como escravos para trabalhos domésticos (tarefas domésticas) na fazenda e como escavadores⁷. Foi estabelecido que, além da venda direta de nigerianos pelos líbios, um cartel da Nigéria também estaria envolvido na venda de nigerianos (Dayo *et al.* 2017). A cabala inclui membros da família, amigos e contatos que na maioria das vezes são bem conhecidos das vítimas e prometem facilitar seu movimento da Nigéria para a Europa através do deserto. Além da venda direta de nigerianos, alguns militantes estão envolvidos. Ofehe S. (2017) coloca assim:

É importante observar que atualmente não há governo na Líbia; só há ISIS, Al-Qaeda e milícias usando nigerianos e outras pessoas para arrecadar dinheiro para financiar suas atividades terroristas; como tal, eles vendem esses nigerianos como escravos para arrecadar dinheiro ou usá-los como mão-de-obra direta e coletar o dinheiro que deveria ser pago a eles. Isso forma o produto da compra de armas, alimentação e exército, além de movimentação.

Pelo exposto, pode-se argumentar que, além do dinheiro que eles trazem para suas capturas, eles também foram usados para fins do maior movimento jihadista na área, bem como instrumento para a desestabilização da área em particular e de toda a região em geral. Isso foi bem atestado por alguns dos fugitivos que disseram que, além de usá-los para transportar cadáveres, eles também carregavam bombas e canhões para grupos militantes na área⁸.

Oketola Dayo *et al.* argumentaram que alguns desses nigerianos foram vendidos por 3.000 dinares (cerca de 794.000 de nairas) em Agadez, no Níger e Sabha, na Líbia. Em outro exemplo, os traficantes de escravos nigerianos venderam mulheres por 5.000 dinares e homens por 4.000 dinares. A situação se torna ainda mais patética quando fica claro que essas pessoas pagaram para serem escravizadas. Por exemplo, os registros disponíveis mostram que alguns deles pagaram entre N600.000 e N800.000 para atravessar para a Itália, mas ficaram presos na Líbia.

Geralmente, em termos de perda física humana, estima-se que entre 65.000 e 120.000 africanos subsaarianos entrem no Magrebe (Mauritânia, Marrocos, Tunísia, Argélia e Líbia) anualmente, dos quais se acredita que 70% a 80% migrem através da Líbia e 20% a 30% através da Argélia e do Marrocos. Várias dezenas de milhares de africanos subsaarianos tentam

7 Relatório exclusivo da CNN: Pessoas à venda: onde as vidas são leiloadas por US\$ 400. cnn.com/2017/11/14/Africa/Libya-migrants-auctions/index.html

8 Connectwarri.com.ng/2017/12/they-used-us-to-carry-bombs-libya-is.html?m

atravessar o Mediterrâneo a cada ano (Adepoju 2005). Como a jornada não é feita em um ou dois dias, esses seres humanos são apertados juntos em condições normalmente não adequadas à existência humana. Segundo várias estimativas, pelo menos 100.000 migrantes subsaarianos agora vivem na Mauritânia e na Argélia, de 1 a 1,5 milhão na Líbia e entre 2,2 e 4 milhões, principalmente sudaneses no Egito. A Tunísia e Marrocos abrigam comunidades imigrantes subsaarianas menores, mas em crescimento, de várias dezenas de milhares (Adepoju 2005). Isso é considerado uma grande perda social e particularmente econômica para o país de origem, porque, embora muitos desses migrantes sejam comumente retratados como “indigentes” ou “desesperados”, foi estabelecido, no entanto, que a maioria dos migrantes geralmente é relativamente bem-educada e vêm de uma moderada condição socioeconômica, deslocando-se por falta geral de oportunidades, medo de perseguição e violência, ou uma combinação de ambos (Adepoju 2005).

Em termos de custo e perda econômica direta para a Nigéria, os estudiosos argumentaram que, uma vez que o comércio é conduzido ilegalmente, é difícil obter o valor real envolvido. Jorgen Carling (citado em Asenime, 2012), relatou que, desde o início, havia cerca de 10.000 mulheres nigerianas na prostituição na Itália e que foram levadas ilegalmente pelo deserto com a promessa de um melhor emprego da família e amigos na chegada (Jogan 2005). Asenime J. (2012), opinou que, no segundo trimestre de 2008, havia cerca de 20.000 meninas nigerianas envolvidas em sexo comercial na Itália, incluindo 3.000 somente em Turim. Também foi estabelecido que, no início de 1999, cerca de 500 foram deportados da Itália para a Nigéria. A maioria desses nigerianos chegou à Itália por meio da Líbia através do deserto (UNESCO 2006).

Os registros disponíveis mostram que os nigerianos estão no topo das paradas marítimas na Itália em 2017. Isso é explicado na tabela abaixo (Elbagir *et al.* 2018).

s/no	País	Cifra	Posição
1	Nigéria	37.551	Primeiro
2	Eritreia	20.718	Segundo
3	Guiné	13.342	Terceiro
4	Costa do Marfim	12.396	Quarto
5	Gâmbia	11.929	Quinto

Fonte: Relatório exclusivo da CNN: não lute se você for estuprada: <http://www.cnn.com/2018/02/27/Africa/Nigeria-migrant-smugglers.intl/index.html>

Da mesma forma, foi estabelecido que um grande número dessas mulheres eram nigerianas e, desde 2012, esse número continuou a aumentar. A tabela abaixo fornece uma imagem mais clara dessa tendência e os números envolvidos (Elbagir *et al.* 2018).

s/no	Ano	Cifra	Meios de travessia
1	2012	87	Mar
2	2013	433	Mar
3	2014	1.454	Mar
4	2015	5.633	Mar
5	2016	11.009	Mar

Fonte: Relatório exclusivo da CNN: não lute se você for estuprada: <http://www.cnn.com/2018/02/27/Africa/Nigeria-migrant-smugglers.intl/index.html>

Adepagba *et al.* apontaram que, em 2017, nada menos que 10.000 nigerianos morreram entre janeiro e maio, enquanto tentavam migrar ilegalmente pelo mar Mediterrâneo e pelo deserto. O documento também informou que o vice-chefe da delegação da UE na Nigéria, Richard Young, opinou que em 2014 o número de pessoas que viajam ilegalmente pelo deserto era de 280.000; em 2015, subiu para 1,8 milhões, enquanto em 2016, entre janeiro e setembro, foram 420 mil envolvidos neste ato (Adelani 2017). Por outro lado, foi amplamente divulgado que vinte e sete mil nigerianos que buscam pastagens no exterior morreram em sua busca para chegar à Europa através do deserto e do mar em 2016, de acordo com a organização não governamental *RARDUJA International* (Adebumiti 2017). Da mesma forma, o Presidente do Instituto Pan-Africano de Assuntos Globais e Estratégia relatou que 7.000 nigerianos desapareceram no deserto em 2016. Segundo este relatório, 68% da cifra eram graduados que procuravam pastagens mais verdes em terras estrangeiras, mas acabaram terminando como escravos sexuais e ferramentas prontas para todas as formas de vícios sociais (Abubakar 2017).

Pelo exposto, fica claro que, embora seja difícil chegar a um número específico do que foi perdido em termos econômicos no deserto como resultado da frustração entre os jovens nigerianos, não podemos, no entanto, negar o fato de que é alarmante.

Yaro J. (2008) deu uma imagem geral da perda econômica da migração para o país em particular e para a região em geral:

Desde o final dos anos 80, os países importadores de mão-de-obra tradicional, os países mais ricos da sub-região (Costa do Marfim) e os destinos até então atraentes para os migrantes (Nigéria) passam por crises políticas e econômicas, que também estimulam a emigração de seus nacionais. Até o início dos anos 80, poucos profissionais nigerianos emigraram porque as condições domésticas de trabalho eram atraentes e competitivas internacionalmente. O colapso do preço do petróleo, um declínio acentuado nas receitas do petróleo, rápida deterioração das condições de vida e de trabalho, congelamento dos salários, moeda nacional desvalorizada, queda da renda real, regime militar autoritário e a situação econômica vacilante alimentaram a emigração em larga escala de trabalhadores qualificados e não qualificados no exterior. A África do Sul pós-apartheid também atraiu profissionais altamente qualificados da Nigéria e Gana para formar equipes nas universidades e outros setores e comerciantes do Senegal e Mali, incluindo vendedores ambulantes e pequenos comerciantes da Serra Leoa.

A respeito de economia rural, o estudioso opinou:

O processo de migração rural-urbana ou rural-rural criou “espaços vazios” na economia rural. Por espaços vazios entende-se o vácuo de trabalho criado pela ausência de muitos migrantes rurais. O impacto desses espaços na economia rural não pode ser exagerado, especialmente no que diz respeito à interrupção dos meios de subsistência rural. A migração externa leva a um tamanho e qualidade do trabalho drasticamente reduzidos, o que, por sua vez, reduz o tamanho da fazenda e a qualidade do trabalho, resultando em menor produção de alimentos e menor riqueza das famílias, com consequências do aumento da vulnerabilidade em muitas áreas rurais, levando à insegurança alimentar.

Por sua parte, a Iniciativa Pan-africana contra Migrações Irregulares e Perigosas (PAIIDAM 2016), observou assim:

[...] Atualmente, pode-se dizer que o suprimento de pessoas qualificadas em nossa área é inadequado devido a uma série de restrições que dificultam o desenvolvimento de recursos humanos e a capacitação. No caso da Nigéria, a principal causa de fuga de cérebros externos é o salário excessivamente baixo pago aos profissionais. A contradição é que gastamos quatro bilhões de dólares anualmente para recrutar e pagar 100.000 expatriados para trabalhar em diferentes partes do país, mas não gastamos uma quantia proporcional para recrutar os 250.000 profissionais nigerianos e outros africanos que agora trabalham fora do continente. [...] Candidatos desesperados diariamente cercam as embaixadas de países economicamente prósperos, onde

acreditam que poderiam obter melhores acordos econômicos. Por exemplo, entre janeiro de 2015 e março de 2016, a missão do Reino Unido na Nigéria registrou que emitiu vistos para 14.231 nigerianos, tornando-os uma das 10 principais nacionalidades concedidas vistos no mundo.

As estatísticas mostram que o número de nigerianos que saem do país tem aumentado constantemente ano a ano. Em 2010, 64.279 nigerianos receberam vistos pela missão dos EUA na Nigéria, mas o número caiu para 63.503 em 2011. Em 2012, esse número aumentou para 83.944 e 113.503 em 2013 e 141.527 em 2014. Concluiu-se que 42 nigerianos receberam vistos especiais para imigrantes dos 116 emitidos para os africanos no ano passado.

A importância disso é que o país geralmente é abandonado por mão de obra qualificada necessária para o desenvolvimento do país. Estes foram treinados com recursos escassos e desesperadamente necessários para o gerenciamento do processo de desenvolvimento.

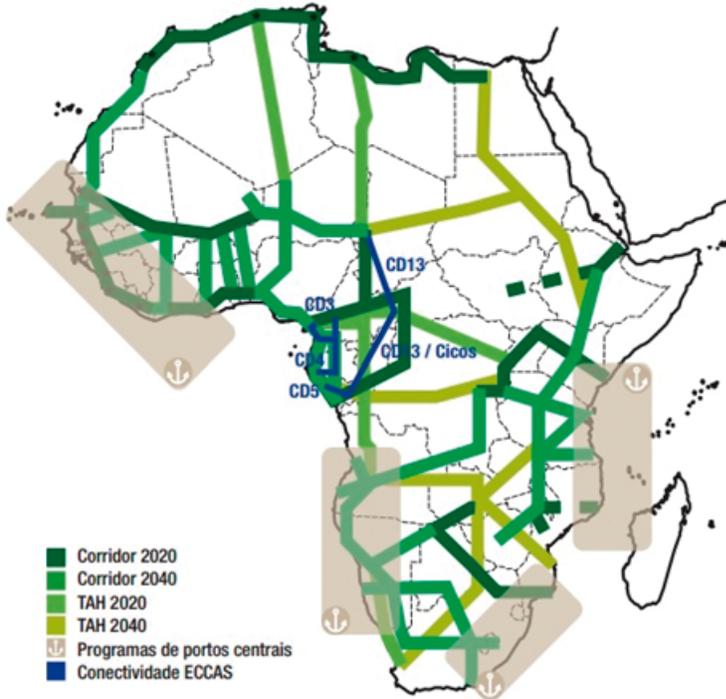
Retornando à Terra: Alguma Esperança?

Desde o início de 2017, a Organização Internacional para as Migrações facilitou o repatriamento, devolvendo 5.578 migrantes nigerianos presos dentro e fora das prisões da Líbia – principalmente de origem do estado nigeriano de Edo-Delta. Somente em novembro, a Organização Internacional para as Migrações, com o apoio da União Europeia, recuperou 1.295 nigerianos presos na Líbia (Dayo *et al.* 2017).

Segundo a Comissão da União Africana, no final de 2017, mais de 400.000 nigerianos estavam presos na Líbia. Especificamente, observou-se que o número estava entre 400.000 e 700.000, enquanto cerca de 3.800 migrantes definham em um acampamento perto de Trípoli (Dayo *et al.* 2017). Embora o governo da Nigéria tenha tentado várias vezes atrair esses profissionais para o país, no entanto, não há indicação de que exista alguma esperança em termos de engajamento econômico e ascensão social para eles no país. Infelizmente, desde a independência, os sucessivos governos na Nigéria continuaram a incentivar essa migração em massa, por meio de políticas e atos que não fornecem o ambiente propício para os melhores profissionais permanecerem e desenvolverem o país.

Como é hoje, em muitas economias desenvolvidas, mão-de-obra altamente qualificada – para atividades intensivas em conhecimento – está sendo recrutada em países pobres e emergentes de economia de mercado, com foco

específico na Nigéria. Atualmente, nigerianos e zambianos, profissionais altamente qualificados constituem cerca de metade ou mais dos expatriados que vivem nos países da OCDE. Este é realmente um sinal de perigo para o continente africano, especialmente nesta era da globalização (Adepoju 2005)⁹.



Conclusão

Pelo exposto, fica claro que a Nigéria está longe de qualquer forma de avanço e desenvolvimento tecnológico. Isso, como foi explicado, está ligado à migração em massa em busca de pastagens mais verdes no deserto, que negou o melhor de si ao país, enquanto ajudava a desenvolver o mundo europeu.

Pelo discurso até agora, fica claro que a única maneira de impedir essa fuga de cérebros e a migração em massa é a revolução empreendedora que manterá os jovens propositalmente engajados e economicamente estáveis. Com cerca de 70% da população jovem (aproximadamente 80 milhões), há

⁹ Adepoju Aderanti, 2007, Fuga de Cérebros: ...Op.cit: p. 33

uma abundância de recursos humanos, que podem transformar a economia positivamente. É necessário que o Estado e os indivíduos criem empregos para a crescente população de jovens. O Estado também deve criar incentivos, bem como criar o ambiente certo para o desenvolvimento de habilidades e empreendedorismo. No entanto, existem inúmeros desafios que dificultam o crescimento do empreendedorismo na Nigéria. São eles: falta de acesso ao financiamento; sobretributação de pequenas e médias empresas; energia insuficiente para manter as indústrias; falta de infraestruturas vitais; insegurança. Tudo isso deve ser colocado em prática para poder mitigar essa ameaça.

Referências

- Abbakar S., “Aspect of an Urban Phenomenon: Sokoto and its Hinterland to C. 1850” in Y.B Usman (ed.) *The Sokoto Caliphate*, Lagos, A.B.U., pp. 125-139. 1979
- Abubakar, Auwal. *Illegal Migration: 7000 Nigerians Vanished in Desert in 2016*, Daily Trust; <https://www.dailytrust.com>. August. 2017
- Abubakar, B. 2008, *the Perception of Archaeology in Africa: Opportunities and Potential*, *IJNA* 37.2, 387-388.
- Adebumiti, Adelowo (2017); 27,000 Nigerian Migrants died last year. *Guardian*, <http://guardian.ng/27000-nigerian>
- Adelani, Adepegba *et al.* *Illegal migration: 10,000 Nigerians die in Mediterranean Sea*, *Desert-NIS*, *Punch*, May 20. 2017
- Adeleye R.A, “Hausaland and Borno 1600-1800” in Ajayi and Crowder (eds.) *History of West Africa*, Vol. I 2nd ed. London, Longman. pp. 556-601. 1976
- Adepoju, Aderanti (2007), *Highly skilled migration: balancing interests and responsibilities and tackling brain drain*, *Global Forum on Migration and Development*, Belgium; *United Nations Expert Group Meeting on International Migration and Development*, Population Division, Department of Economic and Social Affairs, United Nations Secretariat, New York, 6-8 July 2005
- Akubor. Emmanuel Osewe, *Nigeria’s Valley of Death: Historicizing Environmental Degradation in the Niger Delta and its Impact on Human Development*, in Akpotor, S. A, *et al.* *Five Decades of Petroleum Production in Nigeria: Impact on the Niger Delta*. Delta State University, Abraka, Delta State Pp. 163-180. 2012

- _____. Climate Change, Migration and Conflict: A Historical Survey of People of Northern Nigeria and their Neighbours from the period of the Mega Chad. *The Humanities Journal of Localitology*, Pusan National University, Korea and National Research Foundation of Korea (ISSN 2234-5663), Republic of Korea. Vol 7. 2017, Pp, 3-41, http://www.localities.kr/bbs/board.php?_table=database&wr_id=8. 2017
- _____. Migration and Brain Drain on Africa's Development: Establishing the nexus and Lessons of History Paper prepared for presentation at the International Conference on The Humanities and Development in Africa organised by Department of History, University of Ibadan, Ibadan Nigeria; 6-9 July, 2017, Conference Centre, University of Ibadan, Nigeria. 2017
- Asenime, J, Women Trafficking in Nigeria up to 2008AD, *SAU Journal of Humanities*, Samuel Adegboyega University, Vol. 1, No. 1, September. 2012
- Ayandele, E, *Nigerian Historical Studies*, Frank Cass and Company, London, p. 8. 2012
- Ayoade, J. O. Climate Change. Ibadan. Vantage Publishers, pp. 45-66. 2004
- Ayuba, H *et al.*, Climate change impact on plant species composition in six semi-arid rangelands of Northern Nigeria. *Nigerian Geographical Journal* 5(1): 35-42. 2007
- Azad, Sher (22 October 2011). "Gaddafi and the media". *Daily News*. Archived from the original on 26 October 2012. Retrieved 22 October 2011
- Babagana, Abubakar. *The Impacts of Global Climate Change in Africa: the Lake Chad, Adaptation and Vulnerability*, Fezzan Ward, Fezzan, Maiduguri, Borno State, Nigeria. 2017
- _____. Water Availability, Supply and its Associated Problems in Rural Communities of Borno State. A. Case Study of Nnganzai Local Government Area of Borno State, Nigeria 10-19. (Unpublished). 2007
- Barkindo, Bawuro. "The early states of the Central Sudan", *in*: J. Ajayi and M. Crowder (eds.), *The History of West Africa*, vol. I, 3rd ed. Harlow, 225-254. 1985
- Bart, Heinrich (1858). "Chronological table, containing a list of the Sefuwa", *in*: *Travel and Discoveries in North and Central Africa*. Vol. II, New York, 581-602. 2018
- Bearman, Jonathan. *Qadhafi's Libya*. London: Zed Books. 1986

- Burns, Alan. *History of Nigeria*. London George Allen and Unwin. 1929
- Chindo, Nyelong P. A. *Lake Chad: From Megalake to Minilake*. *Arid Wetland Bulletin* No. 6: 24-27. 2004
- Connah, G. *Some Contributions of Archaeology to the study of the History of Borno*, in Usman Y.B and Alkali N (1983) (edt), *Studies in the History of Pre Colonial Borno*. Northern Nigeria Publishing Company, Zaria. 1983
- Dayo, Oketola; Adepegba, Adelani; Kunle, Falayi and Alexander, Okere (2017) *Fellow Nigerians abducted, sold us into Slavery in Libya*; Punch, December 2.
- Elbagir, Nima; Leposo, Lilian; John, Hassan (2018): *CNN Exclusive Report: Don't Struggle if you're Raped*; <http://www.cnn.com/2018/02/27/Africa/Nigeria-migrant-smugglers.intl/index.html>
- El-Mahdi, M. *A short History of the Sudan*, Oxford O.U.P. 1965
- Fage, J.D. "Some Thoughts on State Formation in Western Sudan Before the Seventeenth Century" in J. Butler (ed.) *Boston University papers in African History*, Vol. I Boston, Boston University. 1964
- Fuglestad, F. "A Reconsideration of Hausa history before the jihad J.A.H XIX, 3, pp 319-339. 1978
- Greenberg, J. H. *Studies in African Linguistic Classification*, New Haven. 1955
- _____. "Influence of Meroi Empire on Kordofan" in J. Butler, (ed.) *Boston University Papers in African History*. Vol. I, Boston University Press. 1964
- Hodgkins, Thomas (1960), *The Nigerian Perspectives*. Oxford University Press London; p. 261
- Hopkins, A. G. *An Economic Hisotry of West Africa*, London Longman. 1973
- Horton, R. "Stateless Societies in the History of West Africa in Ajayi and Crowder (eds.)
- History of West Africa Vol. 1* 2nd ed. London Longman pp. 72-113. 1976
- Jagtap, S. *Managing vulnerability to extreme weather and climate events: Implications for agriculture and food security in Africa*. *Proceedings of the International Conference on Climate Change and Economic Sustainability held at Nnamdi Azikiwe University, Enugu, Nigeria. 12-14 June 2007.*

- Jogan, Carling. Trafficking in Women from Nigeria to Europe. International Research Institute, Oslo (PRIO), <http://www.migrationinformation.org/feature/display.cfm?id=318>, 2005
- Kenny, J. *The Spread of Islam Through North to West Africa 7th to 19th Centuries: A Historical Survey with Relevant Arab Documents*, Domminican Publications, Lagos;
- _____. *The Spread of Islam Through North to West Africa 7th to 19th Centuries: ...Op.cit.* 30
- Kingsley, Omonobi “Gaddafi wanted to break Nigeria”, *Vanguard* , 22 October, 2011
- Kwanashie, George *et al.* “A Little New Light: Selected Historical Writings of Professor Abdullahi Smith” Vol. 1. Centre for Historical Research, Zaria, Nigeria. 1987
- Last, M.D *The Sokoto Caliphate* London, Longman, 1977
- _____. “The kingdoms and peoples of Chad”, in: D. T. Niane (ed.), *General History of Africa*, vol. IV, UNESCO, London 1984, 238-265. 1984
- _____. *The Founding of Kanem by Assyrian Refugees ca. 600 BCE: Documentary, Linguistic, and Archaeological Evidence*, Boston, Working Papers in African Studies N° 265. 2011
- Lavers, John. “Adventures in the chronology of the states of the Chad Basin”. In: D. Barreteau and C. v. Graffenried (eds.), *Datations et chronologies dans le Bassin du Lac Chad*, Paris, 255-267. 1993
- Levtzion, Nehemia. “The Saharan and the Sudan from the Arab conquest of the Maghrib to the rise of the Almoravids”, in: J. D. Fage (ed.), *The Cambridge History of Africa*, vol. II, Cambridge 1978, pp. 637-684. 1978
- Levtzion, Nehemia und John Hopkins: *Corpus of Early Arabic Sources for West African History*. 1981
- McLachlan, K.S. Tripoli and Tripolitania: Conflict and Cohesion during the Period of the Barbary Corsairs (1551-1850). Translations of the Institute of British Geographers, New Series, Vol, 3, No 3, Settlement and Conflict in the Mediterranean World, Pp285-294. Lisa Anderson (1984), Nineteenth Century Reform in Ottoman Libya, *International Journal of Middle East Studies*, Vol. 16, No. 3, August 1984, pp. 325-348, Slavery In Libya. 1984
- Mathew, Womack Ryan “The Emergence of Neoliberalism and Free Trade in the Developing World” (2006), University of Tennessee Hon-

- ors Thesis Projects. https://trace.tennessee.edu/utk_chanhonorio/1030
- Mshelia, A. D. Adaptation strategies to climate change. *Journal of Energy and Environment*, 18 (3): 74-81. 2005
- Muhammad-Baba, T. A. Pastoral Fulbe Transhumance in the context of the Nigeria-Niger Border: Implications for Trans-National Co-operation in Asiwaju A.I and Barkindo, B.M(ed), *The Nigeria-Niger Transborder Co-operation*. Malthouse Press Ltd. Lagos. 1992
- Na-Dama, Garba. "The Rise and Collapse of Hausaland States: A Social and Political History of Zamfara". Ph.D Thesis A.B.U. 1977
- Nigeria. Trafficking in Persons Report 2010. U.S. Department of State (June 14, 2010); see also Curbing International Prostitution in Edo, *This-Day*, 31 Aug 2014; Read more: http://www.onlinenigeria.com/aids/edo_prosti.asp#ixzz3RWdXlGXH. 2014
- Nigerian Environmental Study/Action Team (NEST) 2003. *Climate Change in Nigeria. A Communication Guide for Reporters and Educators*. Ibadan: NEST pp. 5-16. 2003
- Nwafor, J. C. Environmental Impact Assessment for Sustainable Development: The Nigerian perspective. Enugu: EL 'DEMAK pubs, pp. 359-394. 2006
- Odjugo, P. A. O.; IKHUORIA, A. I. The impact of climate change and anthropogenic factors on desertification in the semi-arid region of Nigeria. *Global Journal of Environmental Science*, 2(2): 118-126. 2003
- Osalors, Peter. Nigerian Economic Recession and Entrepreneurial Revolution On September 26, 2016: 56 am In *Finance Comments*, vanguardngr.com/2016/09. 2016
- Paiidam-2016 (Pan Africa Initiative Against Irregular And Dangerous Migration). 2016
- Shimatsu, Yoichi. "Villain or Hero? Desert Lion Perishes, Leaving West Explosive Legacy". *New America Media*. Retrieved 23 October 2011
- Smith, Abdullahi. *The early states of the Central Sudan*, in: J. Ajayi and M. Crowder (Hg.), *History of West Africa*. Vol. I, 1. Aug., London, 158-183. 1971
- Stewart, John. *African States and Rulers: An encyclopedia of Native, Colonial and Independent States and Rulers Past and Present*. Jefferson, NC: McFarland & Company, Inc. Publishers. 1989

- UCDP Database-2011 (Uppsala Conflict Data Program). Uppsala, Department of Peace and Conflict Research, Uppsala University. 2011
- UNESCO, Research Study on “Human Trafficking especially of Women and Children in West Africa (Benin, Togo, Nigeria)” 2006
- Usman, Mohammed. International Political Economy Of Nigerian Amalgamation Since 1914. European Scientific Journal October 2013 edition vol.9, No.29 ISSN: 1857 – 7881 (Print) e - ISSN 1857- 7431429, Pp 7-8. 2013
- Usman, Y. B. “The Transformation of Katsina: The Overthrow of the Sarauta system and the Establishment of the Emirate, C. 1796-1903, Ph.D. Thesis, A.B.U. 1974
- _____. A Reconsideration of the History of Relationships Between Borno and Hausa-Land, in Usman Y.B and Alkali N (1983) (edt), Studies in the History of Pre Colonial Borno. Northern Nigeria Publishing Company, Zaria. 1983
- Yaro, Joseph A, (nd), Migration in West Africa: Patterns, Issues and Challenges, Centre for Migration Studies, University of Ghana, Legon. 2008
- Zimbabwe: Reason Wafavarova – Reverence for Hatred of Democracy”. AlAfrica.com. 21 July 2011. Retrieved 23 October 2011.

RESUMO

A situação econômica na maioria dos países do Terceiro Mundo desde a independência não mostrou sinais de melhora. O resultado é que aqueles que estão no auge de suas vidas, o que levaria a economia a um crescimento maior, estão saindo em massa da área em busca de pastos mais verdes em outros lugares, especialmente do outro lado do deserto, para a Europa, situação que afetou negativamente seu desenvolvimento através dos anos nesses países do Terceiro-mundo, usando a Nigéria como exemplo. O efeito de impacto, bem como, por que e quando disso é o que este artigo pretende interrogar no que se refere à situação da Nigéria e aos de seus vizinhos, especialmente nos últimos dois séculos, usando os fatos e lições da história. Os dados obtidos de fontes primárias e secundárias (revisão de literatura e análise de conteúdo) foram implantados para a realização do estudo com um método histórico analítico e narrativo.

PALAVRAS-CHAVE

Economia; Terceiro-mundo; Pastagens mais verdes; Deserto.

Recebido em 1º de agosto de 2019

Aceito em 2 de setembro de 2019

Traduzido por Igor Estima Sardo